

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

EXCERPTOS DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO SNR. JOSÉ SIMÕES COELHO, AGENTE COMMERCIAL DO GOVERNO PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL.

O Brasil sob o ponto de vista sociologico..... Pag. 171

QUESTIONARIO » 181

VIDA ASSOCIATIVA DA UNIVERSIDADE LIVRE

Encerramento do curso de francês no ano lectivo de 1914-1915.... » 182

Mapa nominal dos professores e tempos d'aula..... » 183

Balancete do mês de Setembro de 1915..... » 184

ANO II

N.º 21

SETEMBRO DE 1915

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios

Universidade Livre

Cursos noturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

Desenho

Esperanto.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ¶ ¶ ¶

O Brasil Contemporaneo

Excerptos das conferencias realizadas na Universidade Livre de Lisboa em 11, 18 e 25 de Abril de 1915 pelo Snr. José Simões Coelho
Agente Comercial do Governo Portuguez na America do Sul

O BRASIL SOB O PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

I

Ao tempo era rei de Portugal D. Manoel 1.º. Vasco da Gama voltára da India impando de gloria e abarrotado de mando. Previstos os perigos, o grande almirante reuniu conselho de mestres de navegação e planeou novas audacias. O grandioso tentame ensinára a aproveitar os ventos. Dobrado o Cabo com resguardo imenso voltava-se á India a impôr a fama do reino. Preciso era que Gama desse á corôa maior autoridade e avultadas terras.

Gama ordenou se fugisse das calmarias e o novo capitão assim cumpriu. Mandou armar treze galeões onde esvoaçavam nos tópes o estandarte real, branco, com as armas portuguezas, a bandeira branca com a cruz de Cristo, o pendão das Quinas, branco, debruádo a vermelho, com as cinco quinas azues. Tudo presto, fez-se de vela, Pero Vaz Caminha, a 4 de Março, saindo do Restelo, «a mais fermosa e poderosa armada que até áquele tempo para tão longe d'estes reinos partira», no dizer elegante do historiador João de Barros. Pedro Alyares Cabral ouviu as aclamações do povo bem dizendo o rei que o estimulara.

Caminha e o piloto da frota dizem ter avistado terras desconhecidas a 22 de Abril de 1500. Parece deveria ser esta a data da descoberta, mas fiou-se demasiado em cronistas incertos, julgando-se ter sido a 3 de Maio, quando a verdade é que nesse dia já a grande frota demandava de novo o Cabo da Boa Esperança. Chegaram até nós as narrativas insuspeitas dos dois gloriosos marinheiros. Viram com seus próprios olhos o que se passou. Pero Vaz Caminha escreveu a D. Manoel o seguinte: — «que a partida de Belem, como vossa alteza sabe, foi segunda-feira 9 de Março; e sabado 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achámos entre as Canarias, mais perto da Gran Canaria, e ali andamos todo aquele dia em calmaria, á vista délas, obra de tres ou quatro leguas; e domingo 22 do dito mez, ás 10 horas, pouco mais ou menos, houvesmos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber: da ilha de S. Nicolau, segundo dito de Pero Escolar, piloto; e a noite seguinte a segunda-feira lhe amanheceu se perdeu da frota Vasco de Athayde com a sua nau, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser; fez o capitão suas diligencias para o achar a umas e outras partes, e não appareceu mais; e assim seguimos novo caminho por este mar de longo até terça-feira de oitavos de paschoa que foram 21 de Abril, que topámos alguns sinais de terra... e a quarta-feira seguinte... houvesmos vista de terra.»

O piloto é mais conciso e por isso concludente: — «No dia seguinte levantamos ancoras com vento próspero, e aos quatorze do mesmo mez chegámos ás Canárias; aos vinte e dois passamos Cabo Verde, e no dia seguinte esgarrou-se uma nau da armada, por forma tal que não se soube mais dela. Aos vinte e quatro de Abril, que era uma quarta-feira de oitavario da paschoa, houvesmos vista de terra».

Cronistas houve que insinuaram ter sido o Brasil descoberto por «acaso», devido a «ventos providenciais», o que não é exato para gloria nossa ¹.

O conhecimento integral das correntes maritimas e dos ventos gerais é que determinou a escolha desse reino apetecido. Nem se explica doutra forma que Caminha

¹ *A Descoberta do Brasil*, Faustino da Fonseca, pag. 226 e 227.

haja dito: «—... e assim seguimos nosso caminho», o que prova o cuidado da preferencia.

O certo é que, de tentativa em tentativa, os navios portuguezes haviam notado a existencia de correntes varias, a ponto de as descreverem nos roteiros das suas viagens com minucias de dados e exuberancia de informações.

O que importa para o nosso caso é poder afirmar que é de portuguezes a honra de primeiro terem visto terras de Santa Cruz. Assim se lhes chamou por nelas ter erguido uma cruz o espirito cristão da época. Depressa as crismaram, o que revoltou o celebre autor das *Décadas*, João de Barros, dizendo na sua linguagem saborosamente quinhentista: — «Por o qual nome Santa Cruz, foi aquella terra nomeada os primeiros anos: e a cruz arvorada alguns durou n'aquelle logar. Porém como o demonio por o sinal da Cruz perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Cristo Jesus consumada néla: tanto que d'aquella terra começou de vir o pau vermelho chamado brasil, trabalhou que este nome ficasse na boca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz: Como que importava mais o nome de um pau que tinge panos: que d'aquelle pau que deu tintura a todos os sacramentos por que somos salvos, por o sangue de Cristo Jesus que nele foi derramado. E pois em outra coisa n'esta parte me não posso vingar do demonio, admoesto da parte da cruz de Cristo Jesus a todos os que este logar lerem que dêem a esta terra o nome que com tanta solenidade lhe foi posto, sob pena de a mesma cruz, que nos ha de ser mostrada no dia final, os acusar de mais devotos do pau brasil que déla. E por honra de tão grande terra chamemo-lhes provincia, digamos a Provincia de Santa Cruz, que sôa melhor entre prudentes, que Brasil posto por o vulgo sem consideração e não habilitado para dar nomes ás propriedades da rial corôa».

Felizes tempos esses! em que um grande escritor se insurgia contra o facto de mudarem um nome substituindo o simbolo do cristianismo pelo da madeira que enxameava a terra. Como eles diferem dos tempos de hoje!

Nunca é demasiado reivindicar para nós outros, portuguezes, a prioridade da descoberta do Brasil, tantos teem sido os detratores da nossa maior gloria, mil vezes superior á da India que foi um sonho de rapina...

Nesse sentido é uma formidável obra de patriotismo o livro de Faustino da Fonseca. *A Descoberta do Brasil*, tão honestamente escrita, que Rocha Pombo, o insigne historiografo brasileiro não duvidou em ir buscar-lhe um mundo de observações cuidadas para o seu grandioso trabalho de reconstituição da historia do seu país.

O acto solene da fundação da patria brasileira foi descrito a D. Manoel, na verdade, o *Venturoso*, por ter tido colaboradores geniais, por Pero Vaz Caminha numa simplicidade comovente. Esse encontro memoravel marca o contraste, frisantissimo, do procedimento que os nossos maiores tiveram para com os indigenas, com o procedimento dos espanhois, que foram duma barbaria inqualificavel para gente tão indefesa.

Faustino da Fonseca, afim de provar a sua asserção foi a uma testemunha presencial das atrocidades espanholas, espanhol também, Bartolomé de las Casas, ¹ que indignadissimo voltou a Madrid onde se tornou um verdadeiro defensor da causa dos indios.

A carta de Pero Vaz Caminha ao rei é o testemunho mais eloquente da extremada simpatia com que os indios do Brasil receberam as gentes da frota de Cabral. A solidariedade que entre eles se mostrou foi o inicio brilhante de uma amizade que jámais se quebraria, se a ambição politica da governança da metropole não lançasse além-oceano o arpão autoritario de traficantes e aventureiros. Em nome da cristandade praticaram-se os maiores crimes. A catequése dos indios tem paginas admiraveis de abnegação humana. Serviu os interesses duma religião em detrimento de muita vida.

E' interessante e justo recordar agora alguns tópicos dessa carta famosissima. Nunca é demais falarmos do passado, principalmente, quando esse passado ños póde dar exemplos que radicaram na historia dos povos a grandeza épica dos nossos maiores. Creio, até, ser esta a unica forma de nos impormos a nós mesmos: metermos pelos olhos adentro a visão de tempos idos que irradiaram luz, para que desapareça para todo o sempre esta maldita tendencia de nos julgarmos fracos e impotentes de ocupar

¹ Idem, pag. 237 a 287.

na vida contemporanea o logar que nos compete por direito de conquista.

Quando as naus cabralinas se aproximaram a meia legua de terra avistaram ao longe, na praia, a sete ou oito indigenas. Estes ao verem «pequeninos monstros», no seu conceito, chamaram outros homens da mesma côr pardos todos eles, «todos nús, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicolau Coelho lhes fez sinal que depuzessem os arcos, e eles os depuzeram. Ali não poudé haver deles fala nem entendimento que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa; somente lhes deu um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe deu um sombreiro de penas de aves compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como as de papagaio, e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer daljaveira, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza.»

Entardeceu. Durante a noite ventou demasiado. No dia seguinte, ás 8 horas da manhã, a conselho dos pilotos, Cabral mandou levantar ancoras e fazer de vela. Volvidas horas deram com um pequeno recife que lhes foi de salutar abrigo. As naus arribaram e ancoraram. «E sendo Afonso Lopes, nosso piloto, em um d'aqueles navios pequenos por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto já dentro; e tomou em uma almadia dois d'aqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, e um deles trazia um arco e 6 ou 7 setas, e na praia andavam muitos com seus arcos e setas, e não se serviram délas. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, por quem foram recebidos com muito prazer e festa.

«A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e de bons narizes bem feitos, andam nús sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca disso com tanta inocencia como teem em mostrar o rosto. Traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles ossos brancos de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, e agudo na ponta como furador; metem-os pela parte de dentro do beiço e que lhes fica entre o beiço e os dentes é feito como roque

de xadrez, e em tal maneira o trazem ali encaixado que não os incomoda nem lhes estorva a fala, nem comer nem beber. Os cabelos são corredios, e andam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre pente de boa altura, e rapados até por cima das orelhas; e um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte virada para traz uma maneira de cabeleira de penas de ave amarela, que teria de comprimento de um conto, mui basta e mui cerrada que lhe cobria o toutiço e as orelhas; a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com uma confeição branda como cera, e não o era, de maneira que andava a cabeleira mui redonda, mui basta e mui egual, que não fazia mingua mais lavagem para a levantar.»

«O capitão quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Ayres Correia e nós outros, que aqui na nau com ele vamos, assentados no chão por essa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de falar ao capitão nem a ninguem, mas um deles poz os olhos no colar do capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro; e tambem viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como a dizer que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz, tomaram-o logo na mão e acenaram para terra como a dizer que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro, não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha e quasi que tinham medo déla, e não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados.

«Deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, fartees, mel e figos passados; não quizeram comer d'aquilo quasi nada e alguma coisa se a provavam lançavam-a logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça, puzeram-lh'o assim á bôca, contra vontade deles, mas não gostaram, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarada, tomaram golos déla e não beberam, sómente lavaram as bôcas e lançaram fóra. Viu um deles um rosario de contas brancas, acenou que lh'as dessem e folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para terra e

então para as contas e para o colar do capitão, como que dariam ouro por aquilo».

«Isto tomavamos nós assim, por o desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos entender, porque lh'o não havíamos de dar; e depois tornou a dar as contas a quem lh'as deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de o cobrirem suas vergonhas. O capitão lhes mandou pôr debaixo da cabeça um coxim a cada um, e o da cabeleira procurava acomodar-se de maneira a não a quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima, e eles consentiram, e assim ficaram e dormiram».

No dia seguinte, Pedro Alyares Cabral mandou a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias «que fossem a terra e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seus arcos e setas, aos quais mandou dar, a cada um, camisas novas e carapuças vermelhas, e dois rosários de contas brancas de osso, que eles levavam nos braços, e cascadeis e campainhas; e mandou com eles, para ficar lá, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para andar com eles e saber de seu viver e maneiras; e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.

«Fomos assim de frécha direitos á praia, ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nós e com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levavamos, acenaram-lhes que se afastassem e depuzessem os arcos e eles os depuzeram e não se afastavam muito. Logo que depuzeram seus arcos, saíram os que levavamos e o mancebo degredado com eles, os quais assim como saíram não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria, e passaram um rio que por ali corre de agua dôce, de muita agua que lhes dava pela braga, e outros muitos com eles, e foram assim correndo alem do rio entre umas moitas de palmas onde estavam outros e ali pararam; e n'aquilo foi o degredado com um homem que logo ao sair do batel o agasalhou e levou-o até lá, e logo o tornaram a nós, e com ele vieram os outros que nós levámos, os quais vinham já nós e sem carapuças.»

«E então se começaram de chegar muitos e entravam pela beira do mar para os bateis até que mais não podiam e traziam cabaças d'agua e tomavam alguns barris que nós levavamos, e enchiam-os de agua e traziam-os aos

bateis. Não que eles de todo chegassem á borda do batel, mas, junto com ele, lançavam-o da mão e nós tomavamo-lo, e pediam que lhes dessem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas, a uns dava um cascavel e a outros uma manilha, de maneira que com aquella isca quasi nos queriam dar a mão. Davam-nos d'aqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes queriam dar. D'ali se partiram os outros dois mancebos, que os não vimos mais.

Andavam ali muitos deles ou quasi a maior parte, que todos traziam aqueles bicos d'osso nos beiços, e alguns que andavam sem eles traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha, e alguns deles traziam tres d'aqueles bicos, a saber; um na metade e os outros dois nos extremos. E andavam ali outros quartejados de côres, a saber: deles a metade da sua propria côr e a metade de tintura negra, á maneira de azulada, e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre eles tres ou quatro moças e bem gentis, com cabelos muito pretos compridos pelas espaduas, e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras, que de nós muito bem olhamos não tinhamos nenhuma vergonha. Ali por então não houve mais fala nem entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguem.

«Acenámos-lhe que se fossem e assim o fizeram, e passaram-se álem do rio, e saíram tres ou quatro homens nossos dos bateis, e encheram não sei quantos barris d'agua que nós levavamos e tornámo-nos ás naus. E vindo nós assim acenaram-me que voltássemos. Voltámos, e eles mandaram o degredado, e não quizeram que ficasse lá com eles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas para dar ao senhor, se lá o houvesse. Não lhe tomaram nada e assim o mandaram com tudo, e então Bartolomeu Dias o fez outra vez voltar, e deu aquilo á vista de nós áquelle que da primeira vez o agasalhou, e então regressou e trouxemo-l'ô.

«Este que o agasalhou era já de dias, e andava todo por louçania cheio de penas pegadas pelo corpo, que parecia asseteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelhas, e outros de verdes. E uma d'aquelas moças era toda tinta, do

fundo a cima, d'aquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ella. Nenhum d'elles era fanado,¹ mas assim como nós, e com isto voltamos e elles foram-se.

«A' tarde saíu o capitão-mór em seu batel com todos nós, e com os capitães das outras naus em seus bateis, a folgar pela bahia perto da praia, mas ninguem saíu em terra pelo capitão não querer, sem embaraço de ninguem n'ella estar; sómente saíu elle com todos em um ilhéu grande que na bahia está, que no baixamar fica muito vazio e é de todas as partes cercado de agua que não pode ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Ali folgou elle e todos nós outros bem uma hora e meia e pescaram ali, andando marinheiros com um chinchorro, e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemos ás naus já bem noute.

«Ao domingo de paschoela pela manhã determinou o capitão ir ouvir missa e prégação n'aquelle ilhéu, e mandava a todos os capitães que se aprestassem nos bateis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou n'aquelle ilhéu armar um esperavel, e dentro nele alevantar um altar mui bem preparado, e ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique em voz entoáda, e oficiada com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que ali todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o capitão a bandeira de Cristo, com que saíu de Belem, a qual esteve sempre alta á parte do evangelho. Acabada a missa desvestiu-se o padre e poz-se em uma cadeira alto, e nós todos lançados por essa areia, e prégo uma solene e proveitosa prégação da historia do evangelho, e em fim déla tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção.

«Emquanto estivemos á missa e á prégação estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de hontem, com seus arcos e setas, os quais andavam

¹ Assim como os cristãos, não circundados.

folgando e olhando-nos e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á prégação, alevantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço e alguns deles se meteram em almadias, duas ou tres que ali tinham, as quais não são feitas como as que eu já vi, sómente são tres traves atadas juntas, e ali se metiam 4 ou 5 ou esses que queriam, não se afastando quasi nada da terra senão em quanto podiam tomar pé.

«Acabada a prégação foi o capitão e todos para os bates, com nossa bandeira alta, e embarcámos e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo para onde eles estavam, indo Bartolomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, adiante com um pau duma almadia, que o mar lhes levára, para lh'o dar, e nós todos obra de tiro de pedra atraz dele. Assim que eles viram o esquife de Bartolomeu Dias chegaram-se logo todos á agua, metendo-se néla até onde mais podiam. Acenaram-lhes que depuzessem os arcos e muitos deles os foram logo depôr em terra e outros os não depunham.

«Andava ali um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que me parece que lhe tinham acatamento nem medo. Este que assim os andava afastando trazia seu arco e setas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, e os vazios com a barriga e o estomago eram da sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia nem desfazia, antes quando saía da agua era mais vermelha.

Saíu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles sem eles lhe fazerem mal, antes lhe davam cabaças d'agua e acenavam aos do esquife que saíssem a terra. Com isto se volveu Bartolomeu Dias ao capitão e viemos ás naus a comer, tangendo trombetas e gaitas sem lhes dar mais incomodo, e eles tornaram a assentar-se na praia e assim por então ficaram».

(Continúa).

: Questionario :

CAEBEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convêm que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e comprehensão do assunto, certamente convirá a todos — ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Respostas:

A' pergunta n.º 60 — A politica absorve inutilmente muitas inergias.

Homens de alto valor intelectual que, unidos, poderiam realizar alguma coisa de util para a sociedade, perdem o tempo e gastam a existencia descompondo-se mutuamente, vertendo odio sobre aqueles que não pertencem á sua facção partidaria.

No entanto a politica é a mais rendosa das profissões e a que menos competencia exige.

Um individuo que não siga este ou aquele partido, que não reconheça como chefe esta ou aquela individualidade e da qual acate respeitosa e as ordens, esse individuo não é homem. Fora disso nada mais é necessario... — *Adolfo Reis, socio n.º 2187.*



A' pergunta n.º 61 — Perdõe-me o Catão, mas sempre fez uma pergunta. Insinuar que a revista portugueza pôde poluir uma donzela! Oh Deus!

A esse genero de teatro está destinado entre nós um extraordinario papel; unir duas civilizações — um problema verdadeiramente á japoneza — fazendo de semi-irgens, mulheres capazes de viverem num lar e de criticos cabotinos, homens dignos do nome de cidadãos.

O futuro de Portugal não está no mestre-escola, está no super-homem revisteiro.

E brada aos ceus; a nossa lingua não se presta para as cacafonias e calemburgos extremos!

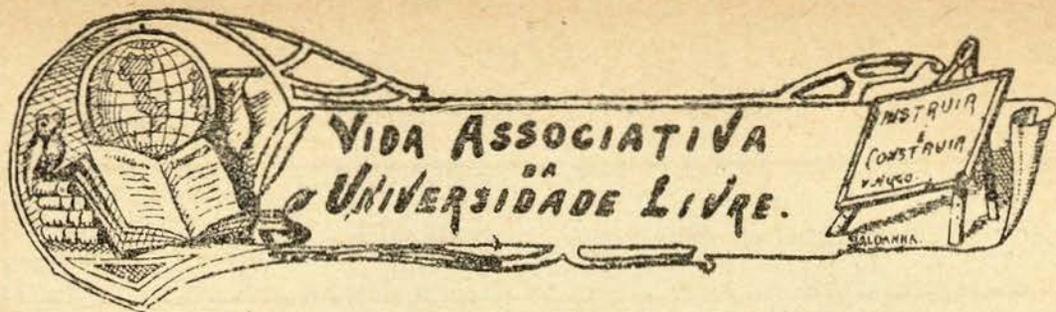
Mas não serve só a lingua; servem os homens, exempli gratia um caudilho, um guerreiro mexendo em peças e fazendo revistas... de teatro.

E não desesperar, evoluimos sempre, estando crente que num futuro proximo assistirei a uma forma de teatro mais movimentada que, direi eu — a do 2.º acto do Ladrão com uma scena longa e parada de 2 personagens.

Então os espectadores histericos baterão as palmas com frenesi.

Pourrié de chic!

O socio efectivo n.º 85.



Encerramento do curso de francês no ano lectivo de 1914-1915

No fim da lição o presidente do Conselho Administrativo, pedindo venia para se associar á manifestação prestado ao sr. Alfredo Apell fez a seguinte alocução:

«O Conselho Administrativo, secundando com intenso jubilo a louvavel iniciativa dos alunos da aula de francês, promovendo esta festa de homenagem ao seu professor, constata com verdadeira satisfação a perfeita harmonia que reina entre os seus professores e alunos.

Para nós esta festa é duplamente simpatica e animadora.

Dum lado sauda-se um professor, cujo nome só por si representa para a Universidade Livre uma honra e que se dedica como um verdadeiro apóstolo á nossa obra, organisando e dirigindo o curso de francês com uma competencia inegualavel.

Doutro lado, vemos os alunos demonstrar que compreendem bem as relações que modernamente devem ligar entre si educadores e educandos, isto é, que possuem a par duma franca liberdade de ação na classe, a disciplina e o respeito que se deve ter por um professor que insulfa nos nossos cerebros o ensino com o mesmo carinho e dedicação com que uma mãe dá a vida dos seus seios ao filho adorado.

Para estes dois pontos chamo em particular a vossa atenção para que apreciem e aproveitem bem o ensinamento da festa. Que se esforcem, pois, por corresponderem com a sua aplicação ao es-

tudo, aos cuidados que os professores têm com o vosso ensino.

Se para aprender, é preciso trabalhar, que todos trabalhem e tomem o exemplo de sua Ex.^a o Snr. Apell, que não precisando de elevar o seu nome, pois que ha muito o ensino official lhe reconheceu o seu merecimento, nem retirando do seu trabalho em pról dos alunos desta Universidade outra remuneração que não seja a nossa eterna gratidão e o respeito e amizade dos seus alunos, comparece inalteravelmente ás suas lições afrontando com coragem sobre-humana os incomodos das viagens em comboio, do frio, da chuva e do calor.

Visto que sua Excelencia não vem a esta colectividade para auferir qualquer remuneração nem com a vaidade de dar maior brilho ao seu nome, visto que a sua consagração está feita, que todos procurem corresponder á sua dedicação com o maximo aproveitamento e amor ao estudo e observando a mair disciplina e respeito nas suas aulas.

D'este modo, temos a certeza de que sua Excelencia voltará todos os anos a reger as suas classes com o mesmo contentamento e entusiasmo que o trouxe até nós pela primeira vez.

Em seguida declarou que o conselho, traduzindo o sentir dos seus alunos, ia fazer descerrar o retrato do Snr. Apell, que passaria a figurar no salão.

O Snr. Apell agradeceu em seguida todas as provas de apreço que lhe foram dispensadas e prometeu continuar as suas lições com a mesma satisfação e entusiasmo com que as iniciou.

Ano lectivo de 1914-1915

Cursos e nomes dos professores	Numero de lições	Assistencia			Clichés	Tempo de duração
		Cava- lheiros	Senho- ras	Média		
Literatura						
Joaquim Otto Xavier Siqueira Coutinho.	13	82	28	8		10 h -50'
Francês 1.º ano						
Alfredo Apell.	31	2070	698	89	153	31 h
Francês 2.º ano						
Alfredo Apell.	30	1119	433	51	99	32 h
Inglês						
Bernardo Vila Nova	30	1014	303	43	5	30 h -20'
Alemão						
José de Liz Ferreira Junior.	11	130	31	14		12 h
Sciencias Naturais						
Bernardo Vila Nova.	13	78	12	7		10 h - 5'
Quimica						
Manoel Véres.	9	53	12	7		8 h -40'
Matematica elementar						
Oscar Amandio Costa e Sousa	52	949	153	21		56 h - 5'
Matematica para o Comercio						
Luciano José d'Oliveira Ribeiro.	12	94	20	9		11 h -10'
Desenho de Ornato e Geometrico						
Eduardo Cosmelli de Sant'Ana	37	298	14	8		54 h -30'
Algebra						
José de Liz Ferreira Junior.	14	78		5		15 h -20'
Geografia						
João de Matos Rodrigues	31	215	47	8		27 h -30'
Caligrafia						
José Soares d'Almeida.	47	1133	334	23		48 h -30'
Taquigrafia						
Manoel Joaquim da Costa	24	278	165	18		23 h -25'
Dactilografia						
Antonio Jorge Rodrigues.	33	328	159	14		72 h
Escrituração Comercial						
Carlos Fragôso	31	577	119	22		30 h -30'
Modelagem						
Rodrigo de Castro.	66	260		3		112 h -45'
Soma	484	8756	2528		257	586 h -40'

Balancête do mês de Setembro de 1915

DEVE (Receita)

	Saldo de Agosto		39\$86,5
Subscritores:			
	Cobrança deste mês.....	84\$09	
Efectivos:			
	Idem.....	7\$60	
Subsidios:			
	Da Camara Municipal.....	20\$00	
	Da Assistencia	15\$00	35\$00
Devedores e credores:			
	M. de Sousa Rodrigues	4\$20	
Juros:			
	Do n/ deposito — 1.º semestre	7\$56	
Estatutos			
	Venda dum exemplar	\$10	
Cartões de identidade:			
	Vendidos	2\$00	
Gastos gerais:			
	Recebido de José Fernandes	1\$50	142\$05
			<u>181\$91,5</u>

HAVER (Despeza)

Rendas adiantadas:			
	Mês de Outubro	35\$00	
Propaganda:			
	Pago a Eduardo Rosa s/c de Julho e Agosto	52\$20	
Percentagens:			
	Pago ao cobrador do Funchal...	\$42	
	» aos cobradores de Lisboa..	8\$48	8\$90
Devedores e credores:			
	Montepio Comercial e Industrial, deposito dos juros vencidos.....	7\$56	
Gastos gerais:			
	Deste mês.....	46\$71,5	150\$37,5
	Saldo para Setembro....		<u>31\$54</u>
			<u>181\$91,5</u>